



São Roque

ANTIGUIDADES
& GALERIA DE ARTE

2015

8

TEXTOS §

José Meco, Teresa Peralta, Sara Botelho, Graça Lomelino, Mário Roque

AGRADECIMENTOS §

A Alexandre Pais, António Miranda, José Meco e Nuno Silva pela sua inestimável colaboração.

Faiança Portuguesa ^{Catálogo}
2015



São Roque

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

SÃO ROQUE RUA DE S. BENTO, 199B § 1250-219 LISBOA § T+F 213 960 734 § SÃO ROQUE^{too} RUA DE S. BENTO, 269 § 1250-219 LISBOA § T 213 970 197
T 962 363 260 § E GERAL@SAOROQUEARTE.PT § WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM

Faiança portuguesa do século XVII

A produção portuguesa de faiança apresenta, ao longo do século XVII, uma destacada fantasia criativa e grande variedade de formas, motivos e influências, combinando alguns reflexos eruditos da faiança europeia e a distinção decorativa da porcelana chinesa da época Ming com tendências mais populares que lhe conferem uma acentuada graça e ingenuidade, na sua expressão essencialmente decorativista.

Apesar da produção vastíssima que se desenvolveu a partir do início do século XVII, nomeadamente nas olarias de Lisboa, e da qual sobrevivem milhares de peças, as criações iniciais são muito escassas e problemáticas, apontando para o uso pioneiro do azul de cobalto de ascendente chinês, pintado sobre esmalte estanífero branco, e reflectindo nos motivos vegetalistas estilizados sugestões vagas da majólica italiana. São deste tipo numerosas faianças encomendadas por judeus de origem portuguesa fixados na Holanda, em especial as imensas peças que foram recuperadas nas escavações do Bairro Judeu de Amsterdão, algumas com nomes e emblemas portugueses variados, e que tanto terão contribuído para o incremento da produção holandesa de louça e da respectiva adopção de influências da China. Muitas peças produzidas em Lisboa destinavam-se a

serem exportadas para Hamburgo, decoradas com brasões e emblemas locais, e que durante muito tempo foram consideradas como produção desta cidade.

Através das navegações e do comércio marítimo intenso desenvolvido pelos portugueses com o oriente, a afluência de porcelanas chinesas expandiu-se consideravelmente desde o início do século XVI e atingiu dimensões surpreendentes no final deste século, quando o gosto europeu passou a ser dominado pelo uso do azul de cobalto e pela linguagem decorativa da porcelana chinesa, influenciando largamente as diversas produções de faiança e reflectindo-se também nas restantes artes decorativas. Portugal teve uma intervenção decisiva nesta internacionalização do gosto e beneficiou largamente do mesmo, em especial na louça onde a cor azul predominou sobre as realizações policromas, ao contrário da azulejaria que manteve a policromia até ao fim do terceiro quartel do século XVII, quando evoluiu para a bicromia (roxo de manganés e azul de cobalto), em meados deste período, e logo a seguir para a monocromia a azul, cerca de 1670 – 1680. Comum a estas duas expressões artísticas é apenas o emprego tardio do roxo de manganés, usado concentrado no contorno das composições

e diluído na pintura, que corresponde a uma fase curta na faiança, cerca de 1660 a 1680, da qual há poucas louças datadas, ao contrário da fase antecedente.

Estas características técnicas não corresponderam a mudanças artísticas significativas na decoração das peças, que mantiveram durante longos períodos do século XVII os mesmos ornatos e composições, agrupáveis em famílias decorativas, como a dos motivos geométricos, os ornatos chineses da porcelana da dinastia Wanli, os aranhões (derivados do motivo chinês da “Folha de Artemisia”) ou o *desenho miúdo* (por vezes confundido com a decoração das peças chamadas do “Monte Sinay”, produzidas em Lisboa na primeira metade do século XVIII). Desde muito cedo houve a tendência para associar fases cronológicas distintas do século XVII às várias classificações decorativas da louça portuguesa deste período, propostas por historiadores respeitados como José Queirós e Reinaldo dos Santos. Na realidade, todas estas manifestações coexistiram durante quase todo o século em combinações livres e variadas, por vezes surpreendentes de ironia ou de soluções inesperadas.

Nas abas dos pratos, as peças mais numerosas sobreviventes, os aranhões, rolos, pêssegos com folhagem, ramos de boninas,

crisântemos, alternando com laços e bastões, dispõem-se com frequência radialmente, influenciados pela composição das chamadas peças de *Kraakporcelein*, ou porcelana de exportação, mais fina e leve, associados a outros motivos chineses como as contas, os meandros (derivados de suásticas orientais), as escamas e ornatos entrelaçados, as “faixas barrocas” (anteriores à difusão deste estilo e igualmente chinesas), elementos florais e motivos portugueses como as “rendas” ou os grotescos. Noutros casos, a aba está preenchida por uma paisagem contínua, com figuras de *desenho miúdo*, ou por elementos geométricos. No centro dos pratos desenvolveram-se os motivos Wanli, com numerosas representações de paisagens fantasiosas, com personagens chinesas e animais, muitas vezes substituídas por figuras alegóricas europeias, retratos, bustos femininos, guerreiros, costumes, castelos, barcos, frutos, sendo frequentes as cartelas com brasões heráldicos ou simbologia religiosa. Em peças com outros formatos, como os potes, os mesmos motivos aparecem evidenciados ou dispõem-se em faixas, à semelhança das porcelanas Wanli.

Dentro da diversidade da louça portuguesa Seiscentista, convém ainda referir peças com decoração distinta, como as imagens e figuras

moldadas, geralmente policromas, algumas talhas e potes mais aparatosos, as garrafas, os originais aquamanis em formas animais fantásticas, os canudos e potes de farmácia, com as habituais legendas envolvidas por cartelas, as pias de água benta e as louças conventuais, mais sóbrias na representação de emblemas ou brasões católicos.

No final do século XVII assistiu-se, por um lado, a um empobrecimento criativo, com a realização estereotipada ou apressada dos motivos utilizados antes e, por outro lado, ao desenvolvimento de peças com ornatos de expressão barroca, como a decoração de cartelas, usadas especialmente em vasilhas de farmácia e servindo de enquadramento às legendas ou a brasões conventuais, sem conseguirem inverter a decadência que a faiança portuguesa manifestou durante a primeira metade do século XVIII.

José Meco
Historiador de Arte



01. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Espigas*
Lisboa, 1600 – 1620
Diâm.: 36,0 cm
C435

Invulgar e raríssimo prato de faiança portuguesa, do início do século XVII, com covo acentuado, aba lisa e levantada, coberto de esmalte branco e com decoração pintada a azul-cobalto.

O fundo é preenchido por paisagem bucólica, um fidalgo usando traje de influência espanhola, e o que se justifica pela governação filipina à época, em Portugal. Veste corpete, calções tufados, saiote, chapéu de plumas e tem uma espada e um espadim à cintura.

Aba preenchida por banda com reservas de pêssegos que alternam com padrão de quadrícula. Separam estes campos elipses oblíquas, designadas como espigas.

A LARGE “ESPIGAS” DISH
Glazed portuguese faience
Lisbon, 1600 – 1620
Diam.: 36,0 cm

Verso com doze filetes oblíquos.

Realçamos a raridade da peça atribuível ao início do século XVII, possivelmente para exportação, Holanda(?). É muito invulgar a decoração com figuras humanas no primeiro quartel do séc. XVII sendo que, a maioria dos exemplares que se conhecem, são ornamentados com animais. A aba tem uma característica muito peculiar: separadores em forma de folha, que para alguns seriam espigas, e que justifica o nome com que esta decoração é conhecida.





02. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Decoração Geométrica*

Lisboa, 1620 – 1640

Diâm.: 32,0 cm

C434

A LARGE “GEOMETRICAL” DISH

Glazed portuguese faience

Lisbon, 1620 – 1640

Diam.: 32,0 cm

Extraordinário prato de faiança portuguesa com decoração geométrica, dita islâmica, na aba e paisagem no centro, inspirada na porcelana chinesa do reinado Wanli.

Decorado a azul-cobalto, sobressai no fundo um dodecágono vegetação exótica, com com uma ave num charco a levantar voo.

A aba apresenta-se ornamentada com seis reservas de padrão geométrico, alternando triângulos com trapézios irregulares preenchidos por espirais e separadas por colunelos com serpentinas estilizadas.

Esta composição islâmica estende-se para além da aba até ao covo, um aspecto típico do 2.º ciclo de Reynaldo dos Santos.

Verso da aba com uma sequência de “s” sinuosos separados por triplos filetes em azul-cobalto.





03. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Pré-aranhões*

Lisboa, 1640 – 1650

Diâm.: 37,5 cm

C453

A LARGE “PRÉ-ARANHÕES” DISH

Glazed portuguese faience

Lisbon, 1640 – 1650

Diam.: 37,5 cm

Belo prato de faiança portuguesa da primeira metade do século XVII, inspirada na porcelana chinesa *Kraak* do período Wanli, dinastia Ming.

Prato de grandes dimensões, de covo pouco acentuado e de aba levantada, esmaltado a branco e decorado a azul-cobalto e vinoso de manganês.

Fundo preenchido por exuberante paisagem de influência oriental, com um lebrão em cima de rochedo e vegetação exótica.

Aba preenchida por oito reservas, que alternam frutos geminados com pé espinhado e

folhas de artemísia com cordões enrolados, separados por colunelos de laçadas com “selos” suspensos.

Tardoz da aba preenchido por sete reservas com folhas de palma, separadas por traços verticais.





04. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Pré-aranhões*

Lisboa, 1640 – 1650

Diâm.: 38,0 cm

C433

A LARGE “PRÉ-ARANHÕES” DISH

Glazed portuguese faience

Lisbon, 1640 – 1650

Diam.: 38,0 cm

Raro prato de faiança portuguesa do século XVII, de covo pouco acentuado, aba larga levantada e frete recuado, revestido de esmalte branco. A decoração segue o padrão típico da porcelana *Kraak*, do período Ming - Wanli, pintada a azul-cobalto.

Fundo preenchido com brasão de armas coroadado e esquartelado, possivelmente da família Mascarenhas e Silvas.

Aba dividida em oito painéis decorados alternadamente com corolas de crisântemos, cordões enrolados em folhas de artemísia e

ramos estilizados de boninas, separados por colunelos de laçadas centrados através de losangos suspensos.

No tardo, aba decorada por oito reservas iguais de flor estilizada, separadas por traços verticais.





05. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Desenho Miúdo*

Lisboa, 1660 – 1680

Diâm.: 39,0 cm

C421

A LARGE “DESENHO MIÚDO” DISH

Glazed portuguese faience

Lisbon, 1660 – 1680

Diam.: 39,0 cm

Excepcional prato de faiança portuguesa de grandes dimensões, com covo pouco acentuado e de aba levantada, coberto com esmalte branco e pintado a azul e vinoso de manganês, num minucioso trabalho de composição designado de *Desenho Miúdo*. A decoração é tipicamente chinesa com o covo e a aba preenchidos por paisagem orientalizante. No centro surgem dois monges budistas sobre uma ponte à sombra de uma *umbrella* inseridos numa profusa composição vegetalista. De assinalar a assimetria da composição da aba, como se pretendesse contar uma história: casario, moinhos holandeses, cães, aves, árvores, flores, folhas e plumas, em desenho

muito miúdo, mas perfeitamente enquadrado no tema.

No verso da aba, quatro apontamentos vegetalistas equidistantes.

As representações simbólicas, apanágio da porcelana da China, quando usadas na faiança portuguesa são elementos meramente decorativos.





06. BACIA DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Desenho Miúdo*

Lisboa, 1660 – 1680

Diâm.: 33,2 cm

C419

A LARGE “DESENHO MÍUDO” BASIN

Glazed portuguese faience

Lisbon, 1660 – 1680

Diam.: 33,2 cm

Rara bacia de faiança portuguesa, de covo acentuado, aba chanfrada e bordo canelado, revestido por esmalte branco e decoração de *Desenho Miúdo*, pintada a azul e vinoso de manganês.

Fundo preenchido por profusa decoração vegetalista com aves pousadas em ramos e charcos, destacando-se a cruz da Ordem de Malta ao centro. A composição está circundada por orla de três contas, limitada por dois frisos.

Na aba encontra-se um típico padrão de *Desenho Miúdo*, composto por gazelas, aves, casario e vegetação diversa.

Tardoz com quatro ramos pintados a azul e vinoso.





07. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Desenho Miúdo*

Lisboa, 1660 – 1680

Diâm.: 32,9 cm

C422

A LARGE “DESENHO MIÚDO” DISH

Glazed portuguese faience

Lisbon, 1660 – 1680

Diam.: 32,9 cm

Raro prato de faiança portuguesa, de covo acentuado e aba lisa, revestido por esmalte branco e decoração de *Desenho Miúdo* pintado a azul e vinoso de manganês.

No fundo, como motivo central, o cupido, numa paisagem exótica com casario oriental inscrita numa barra de contas limitada por dois frisos.

A aba apresenta uma composição de animais – gazelas e aves – numa paisagem com vegetação exótica e casario oriental.

No tardo, quatro ramos pintados a azul e vinoso e a marca de posse (?) VAS BOAL.

A ornamentação inspira-se nas decorações da porcelana da China do período de transição Ming/Qing (1620 – 1683), que se caracteriza pela diversidade e profusão dos elementos decorativos que valorizam as superfícies dos objectos.



08. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Aranhões*
Lisboa, 1660 – 1680
Diâm.: 39,0 cm
C420

A LARGE “ARANHÕES” DISH
Glazed portuguese faience
Lisbon, 1660 – 1680
Diam.: 39,0 cm

Belo prato de faiança portuguesa dita de *Aranhões*, com esmalte branco e decorado a azul-cobalto e vinoso de manganês.

Ao centro, um tema tipicamente oriental, com paisagem exótica e figura masculina de turbante, influência das porcelanas chinesas do reinado Wanli, já pouco usual no período dos *Aranhões*.

Na aba, quatro *aranhões* alternam com pêssegos e ramagens, degeneração dos ramos estilizados de boninas dos *Kraak*.

Tardoz com “S” estilizados a azul na aba.





09. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Aranhões*
Lisboa, séc. XVII – 2ª metade
Diâm.: 39,0 cm
C437

A LARGE “ARANHÕES” DISH
Glazed portuguese faience
Lisbon, 17th C. – 2nd half
Diam.: 39,0 cm

Bonito prato de faiança portuguesa de covo pouco acentuado e aba larga, esmaltado a branco e com decoração de aranhões, pintada a azul-cobalto e vinoso de manganês. O fundo é preenchido por paisagem onde se destacam duas figuras femininas, uma oriental, *Guanine*, que segura uma *umbella*, e uma europeia, *Bella*, retratada de perfil, influência da majólica italiana.

Aba decorada, alternadamente, por quatro aranhões e pessegueiros.
Verso da aba não decorada.



10. PRATO DE GRANDES DIMENSÕES

Faiança portuguesa, *Aranhões*
Lisboa, séc. XVII – 2ª metade
Diâm.: 35,0 cm
C436

A LARGE “ARANHÕES” DISH
Glazed portuguese faience
Lisbon, 17th C. – 2nd half
Diam.: 35,0 cm

Raro prato de grandes dimensões, em faiança portuguesa de covo pouco acentuado e aba larga, coberta de esmalte branco com decoração de aranhões, a azul-cobalto e vinoso de manganês.

O fundo é preenchido pelo majestoso brasão de armas em pleno dos Almeidas (provável encomenda de D. Miguel de Almeida [1630 – 1691], filho do Conde de Avintes).

Aba composta por aranhões, estilização das flores de artemísia e de rolos de pintura, envoltos em cordões, e que alternam com pessegueiros e ramagens inspirados nas decorações dos

pratos de porcelana da China do reinado Wanli (1573 – 1617).

No verso da aba, “S” estilizados a azul.



11. TALHA

Faiança portuguesa
Lisboa, 1660 – 1680
Alt.: 40,0 cm
C467

A LARGE JAR
Glazed portuguese faience
Lisboa, 1660 – 1680
Height: 40,0 cm

Magnífica e invulgar talha de faiança portuguesa, da segunda metade do século XVII, de pequena dimensão, com pronunciada forma bojuda, rodada, duas asas características e gargalo elevado, de bordo ondulante e divergente, coberta de esmalte estanífero branco com decoração policroma pouco vulgar.

Tanto o colorido como a decoração desta peça remetem mais para a azulejaria do período do que para a faiança coeva. O uso do azul de cobalto e do amarelo de antimónio, com alguns apontamentos verdes resultantes da mistura destes dois pigmentos, é complementado pelo desenho acentuado dos contornos negros, realizados a manganés concentrado, o que permite situar a peça numa fase avançada do terceiro quartel do século XVII, cerca de 1660-1680, para a qual

existem algumas raras faianças datadas, bem como um numeroso conjunto de azulejos da fase final da policromia seiscentista e da fase de bicromia imediatamente a seguir, ambas caracterizadas pelo uso comum do manganés e magnificamente representadas nos revestimentos de azulejaria do Palácio e Quinta dos Marqueses de Fronteira, a São Domingos de Benfica (Lisboa), criados entre o final dos anos 60 e cerca de 1673.

A decoração desta talha é igualmente muito original. Nas faces do bojo, duas reservas cordiformes apresentam, cada, uma cartela com enrolamentos maneiristas de gosto flamengo, uma centrada por uma graciosa alegoria legendada AMOR, um cupido alado, armado de arco e uma flecha, sobre um coração com asas, e o outro com uma figura feminina a segurar uma cornucópia florida, alegoria à *Abundância*, não legendada. Cartelas idênticas encontram-se em numerosas peças de faiança portuguesa seiscentista, a enquadrar elementos simbólicos ou heráldicos, como uma talha com insígnias franciscanas, reproduzida por Arthur de Sandão (*Faiança Portuguesa, Séculos XVIII-XIX*, Vol I, Barcelos, Livraria Civilização, 1988, pág. 35). Mais originais são os ornatos que envolvem as asas, ramagens floridas de gosto exótico, que não só foram usadas na faiança

seiscentista como caracterizam a pintura da maior parte dos frontais de altar de azulejo do período, em geral designados de “aves e ramagens”, fundindo a imitação dos frontais têxteis com a influência dos motivos dos tecidos e bordados da Índia e da China.

Por baixo das asas, evidenciam-se duas corujas que se destacam das ramagens, como o elemento mais original da decoração da peça, idênticas às que aparecem representadas em frontais de altar dos meados do século XVII, como um dos colaterais da Igreja de São Pedro, em Almargem do Bispo (Sintra), e outro, com Emblema Carmelita, do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, bem como nos azulejos de um dos nichos da casa de fresco dos Jardins do Palácio dos Marqueses de Fronteira, em Lisboa, de cerca de 1670.

José Meco
Historiador de Arte





12. POTE

Faiança portuguesa
Lisboa, 1630 – 1640
Alt.: 40,0 cm
C440

A LARGE JAR
Portuguese Faience
Lisbon, 1630 – 1640
Height: 40,0 cm

Imponente e raro pote em faiança portuguesa do séc. XVII, rodado, de forma ovóide e bulbosa, com colo demarcado, duas asas e pintado a azul-cobalto sobre o esmalte branco.

A decoração é densa e preenche integralmente toda a sua superfície, testemunhando o *horror vacui*, característica derivada de modelos islâmicos. Embora de nítida influência oriental, a representação humana têm tipologia ocidental estando inserida numa paisagem de sabor orientalizante.

Numa face, a personagem ornamentada com frutos, na cabeça e na grande cornucópia que ostenta no regaço – simbolizando a Terra – está inserida num cenário de arvoredos e ramos floridos, com um casal de lebrões à sombra de uma árvore e uma roda budista junto a duas gaiolas de pássaros, tudo numa perfeita simbiose de elementos.

No outro lado, uma dama num varandim, com saia comprida e corpete justo assinalando a cintura, de mangas compridas com punhos e gola de renda e que cheira uma flor e segura um pássaro na mão, está rodeada por densa vegetação, onde se destaca uma romãzeira e um pássaro em pleno voo. Embora se admita representar uma fidalga, eventualmente a encomendante da peça, está vestida com traje anterior à época de fabrico do pote, o que nos leva a crer que possa tratar-se de uma representação da Primavera, tirada de uma gravura da época.

Estes dois quadros estão separados por um painel rectangular vertical sob a asa, com um mascarão, motivo oriundo da Grécia e usado nas representações teatrais, destinado a esconder a expressão humana. Está circundado de volutas e elementos vegetalistas, que sobressaem de um fundo a azul-cobalto.

Ombro com ramos de boninas terminando em colo curto, decorado com volutas e bordo revirado.

Na base, reservas emolduradas por barras e filetes, circunscrevendo formas lanceoladas, vazadas em folhas de palmeira, inspiradas nas cabeças de *ruyi*, que encontramos nas porcelanas Ming.

A Europa dos séculos XVI e XVII tenta produzir a pasta dura e vidrada das porcelanas que

lhe chegavam da China, não conseguindo no entanto, ir além de faianças, que decora com motivos orientais inspirados na gramática decorativa dos Ming: gamos, aves, flores, frutos, personagens e símbolos são pintados até à exaustão nas composições que preenchem as faianças portuguesas de Seiscentos.

Estamos em presença de um exemplar que combina diferentes influências, e a análise iconográfica revela-nos uma profunda e complexa teia de significados. O período barroco é pródigo no emprego da linguagem simbólica difundida na época, quer pelas gravuras, quer pelas obras manuscritas, a partir das quais os artistas reproduziam os símbolos, destinados a serem descodificados pelo observador, convertendo-os em património coletivo.

Na linguagem simbólica, a Terra é representada por abundantes flores e frutos, que traduzem a efemeridade da matéria, a fugacidade dos bens e dos prazeres terrenos. Cesare Ripa, no seu tratado de iconologia, usa-os como atributos simbólicos dos sentidos, porquanto nos permitem saborear, cheirar e observar. Tanto as flores como os frutos são símbolos de beleza natural que se opõem à matéria inventada pelo homem e neste sentido, também nos inspiram ao sublime e ao divino.



A dama, que simboliza a Primavera, está num cenário idílico de flores, frutos e pássaros exóticos, e olha com doçura para um pássaro pousado na sua mão. Este representa o espírito, em oposição à matéria, e o voo inspira a uma evasão do mundo terreno, que ao separar-se da terra se torna quase etérea. As flores que envolvem a figura, de corolas abertas ou pintadas de perfil, pretendem simbolizar a Esperança, crescendo da terra mas desabrochando na luz, alegoricamente representando o jardim do paraíso perdido.

O casal de lebrões, abrigados debaixo de uma árvore simboliza a fecundidade; a romãzeira com seus frutos abertos e sementes vermelhas, alude à Ressurreição e à Esperança e as palmas são um símbolo da vitória de Cristo sobre a morte, na iconografia cristã.



13. AQUAMANIL

Faiança portuguesa
Lisboa, 1620 – 1640
Alt.: 26,5 cm
C427

AN AQUAMANILE
Glazed portuguese faience
Lisbon, 1620 – 1640
Height: 26,5 cm

Raríssima garrafa – *aquamanil* – em faiança portuguesa da primeira metade do séc. XVII, coberta de esmalte branco e pintada a azul-cobalto.

Peça, moldada e modelada, com cabeça de burro, corpo feminino e cauda de peixe. A parte humana revela pescoço alto, ombros largos, tronco em barril e peitos fartos. Da base emerge uma longa cauda enrolada que termina junto à cabeça, desenhando a pega. Está profusamente decorada com elementos vegetalistas, enrolamentos, composição de flores e “rede”, simulando a vestimenta estilizada da figura.

Estas formas fantásticas, monstruosas, pertencem à imaginária gótica das gárgulas de inspiração maneirista grotesca.

A garrafa seria usada como recipiente para servir água em refeições de cerimónia, numa época em que a arte da mesa assume cada vez maior importância, devido à introdução de alimentos exóticos provenientes da África, Ásia e Américas.





14. GARRAFA

Faiança portuguesa
Lisboa, 1610 – 1620
Alt.: 29,8 cm
C429

A “WANLI” BOTTLE
Glazed portuguese faience
Lisbon, 1610 – 1620
Height: 29,8 cm



Extraordinária e raríssima peça em faiança portuguesa de formato islâmico e com decoração inspirada em peças idênticas de porcelana da China.

A garrafa de bojo globoso, esferóide, pescoço alto, cilíndrico e termina em bordo saliente.

Corpo com quatro *cartouches*, decorados, alternadamente, por grandes arranjos de flores, ramos de boninas e rolos de papel, com motivo geométrico encadeado e laçadas. Separam estes medalhões retângulos com “cordões duplos e losango”.

Ombro decorado com quatro reservas de rolos de papel, ou folhas, separadas por colonelos com flor em ramo estilizado.

Pescoço com quatro painéis, alternando ramo vertical de folhas que termina numa flor

bonina, e “cordão duplo com losango”, um dos *Objectos Preciosos* na doutrina budista.

Podemos considerar que esta garrafa tem formato islâmico e decoração Wanli. A sua ornamentação tenta imitar na perfeição os motivos e os símbolos das porcelanas chinesas, que os portugueses não só bem conheciam, como importavam em largas quantidades na primeira metade de quinhentos. Esta assimilação revelou-se, não só na qualidade da faiança, muito semelhante à da porcelana chinesa, como na decoração fielmente copiada das peças Wanli (1573 – 1619). A qualidade foi conseguida através de cuidadoso amassamento da pasta, conferindo pouca espessura ao objeto, de criteriosa escolha do azul, de extrema pureza

do vidrado e de grande qualidade na pintura decorativa.

Só se conhecem três peças com este formato. Para além deste exemplar, existe um de dimensões semelhantes no Museu de Colónia (Nº inv.: E 531, folha 11351-11408) e outro numa coleção privada europeia.



15. POTE

Faiança portuguesa
Lisboa, séc. XVII – 2ª metade
Alt.: 27,0 cm
C461

A “BELLA’S” JAR
Glazed portuguese faience
Lisbon, 17th C. – 2nd half
Height: 27,0 cm

Elegante pote em faiança portuguesa do séc. XVII, de forma ovóide e colo curto, decorado a azul-cobalto e vinoso de manganês. O bojo é seccionado, por duas reservas circulares decoradas com bustos femininos, que usam toucados à moda da época, as *Bellas* de influência na majólica italiana, e que alternam com losangos ornamentados por flores de corolas abertas.

Junto ao bordo uma faixa de volutas brancas em fundo azul, e na base, entre duas faixas, uma cercadura de volutas muito ao gosto barroco, envolvidas por filetes a vinoso de manganês.

Reproduzido em:

— SANTOS, Reynaldo dos – *Faiança Portuguesa, Séculos XVI e XVII*, Livraria Galaica, Lisboa, 1960, pág. 120





16. POTE “BELLAS”

Faiança portuguesa
Lisboa, séc. XVII – 2ª metade
Alt.: 19,0 cm
C428

A “BELLA’S” JAR

Glazed portuguese faience
Lisbon, 17th C. – 2nd half
Height: 19,0 cm

Elegante pote em faiança portuguesa do séc. XVII, de forma ovoide com duas asas, decorado a azul e vinoso de manganês.

No bojo destacam-se dois bustos femininos com toucados à moda da época, as *Bellas*, influência da majólica italiana, separados por vegetação ao sabor da porcelana chinesa.

Colo decorado com faixa de óvulos e contas, emoldurada por filetes e que termina em bordo revirado, realçado por faixa lisa azul-cobalto.

Base de painéis contíguos, desenhando cabeças de ceptros de Ruyi com palmetas, segundo o modelo dos vasos da dinastia Ming.

Asas com singela decoração de filetes a azul e manganês.



Tanto em Portugal como em quase toda a Europa, até aos finais do séc. XVIII, as farmácias só existiam em conventos e mosteiros, razão pela qual os recipientes - canudos, boiões, jarros e xaropeiras - ostentam frequentemente as insígnias das grandes ordens religiosas, carmelitas, dominicanos ou franciscanos, entre outras.

Estas dispunham de grandes boticas, destinadas a fabricar remédios para os monges e freiras, mas também para a comunidade da região que os circundava, sempre nas imediações de um jardim ou horto botânico, uma vez que os medicamentos eram preparados a partir de ervas, plantas, flores, sementes, etc.

Os canudos de farmácia eram peças rodadas de forma cilíndrica, fabricados por encomenda para a Farmácia Conventual ou para a Farmácia Laica. A tarja identificadora do produto a que se destinava, estaria em branco, sendo o seu conteúdo pintado diretamente a frio.

17. MANGA DE FARMÁCIA

Faiança vidrada
Lisboa, séc. XVII – 1ª metade
Alt.: 28,0 cm
C430

AN APOTHECARY JAR
Glazed faience
Lisbon, 17th C. – 1st half
Height: 28,0 cm

Elegante canudo de farmácia, de forma cilíndrica, com ligeiro estrangulamento central, base reentrante e bordo revirado para o exterior. A pasta está coberta com esmalte branco e a decoração pintada a azul-cobalto.

Corpo dividido em quatro largos painéis retangulares verticais, preenchidos alternadamente por elementos vegetalistas e por padrão geométrico, desenhando grade com espirais. Termina junto à base com dois filetes.

Colo com uma cercadura de barras em azul, com bordo branco revirado.





18. MANGA DE FARMÁCIA

Faiança portuguesa, *Desenho Miúdo*
Lisboa, 1660 – 1680
Alt.: 25,0 cm
C438

A “DESENHO MÍUDO” APOTHECARY JAR
Glazed portuguese faience
Lisbon, 1660 – 1680
Height: 25,0 cm

Canudo de botica ou manga de farmácia, em faiança portuguesa de formato cilíndrico, ligeiramente cintado, decorado com padrão de *desenho miúdo*, a azul-cobalto e roxo vinoso de manganês, sobre esmalte branco.

No bojo, cartela barroca larga oblíqua, com a inscrição na tarja MIRABELET, circundada por paisagem de rochedos e vegetação e um grande pássaro em pleno voo.

O corpo está limitado por larga barra de gregas avivada por friso, que faz a transição para a base e para o bordo.

Figurou em: / Exhibited at:

— *Exposição de Cerâmica Ulissiponense*, Lisboa, 1936



19. MANGA DE FARMÁCIA

Faiança portuguesa
Lisboa (?), séc. XVII

Alt.: 24,5 cm

C439

AN APOTHECARY JAR
Glazed portuguese faience
Lisbon (?), 17th C.
Height: 24,5 cm

Bela manga em faiança portuguesa, de forma cilíndrica, com ligeiro estrangulamento no centro, decorada predominante a azul e vinoso sobre esmalte branco.

Bojo com cartela retangular, larga e oblíqua, a inscrição S.BUGLOZI, sobressai de densa decoração com grandes boninas, sobre fundo azul-cobalto.

O colo com cercadura vegetalista e a base de filete remata a composição da manga.



20. MANGA DE FARMÁCIA

Faiança portuguesa
Lisboa, séc. XVII
Alt.: 23,0 cm
C441

A APOTHECARY JAR
Glazed portuguese faience
Lisbon, 17th C.
Height: 23,0 cm



Belo canudo de botica em faiança portuguesa, de forma cilíndrica com ligeiro estrangulamento no centro, boca alteada e revirada, decorada a azul de contornos a vinoso sobre esmalte branco.

Bojo com cartela oval e oblíqua, com a inscrição VNG. TO PALIDVM, ladeado por alguns elementos florais de influência chinesa e um imponente busto feminino com toucado

à moda da época, conhecido por *Bella*, influência da majólica italiana. Colo e base com tarja de volutas rematada por filetes a vinoso de manganês.



21. MANGA DE FARMÁCIA

Faiança portuguesa

Lisboa, séc. XVII

Alt.: 25,0 cm

C442

AN APOTHECARY JAR

Glazed portuguese faience

Lisbon, 17th C.

Height: 25,0 cm



Elegante canudo de farmácia em faiança portuguesa, rodado, ligeiramente estrangulado ao centro, com pé circular, colo baixo e bordo revirado, decorado a azul com contornos a vinoso sobre esmalte branco.

Bojo decorado por paisagem do tipo oriental, de rochedos e vegetação com grandes flores, onde sobressaem um belo lebrão e uma garça. Colo e base com tarja de volutas rematada por filetes a vinoso de manganês.



22. BOIÃO DE BOTICA

Faiança portuguesa, *Cartela Barroca*
Lisboa, finais séc. XVII
Alt.: 20,0 cm
C359

A DRUG POTLET

Glazed portuguese faience
Lisbon, 17th C. – 2nd half
Height: 20,0 cm

Boião de botica bojudo, com bordo saliente e decoração a azul-cobalto no corpo, que se prolonga pelo colo e a base.

Bojo com cartela rectangular de contornos duplos, realçada por orla fitomórfica e geométrica, com a legenda “HEJRPIC”. A cercadura está rodeada por elementos vegetalistas enrolados em volutas.



23. POTE DE BOTICA

Faiança portuguesa, *Cartela Barroca*
Lisboa (?), finais séc. XVII
Alt.: 26,0 cm
C360

AN DRUG JAR

Glazed portuguese faience
Lisbon (?), 17th C. – 2nd half
Height: 26,0 cm

Belo boião de botica de forma ovóide e com decoração pintada azul-cobalto. O bojo apresenta uma elegante reserva com as insígnias da Companhia de Jesus – IHS, realçada por uma cartela barroca com folhas de acanto e encimada por coroa real.

Este tipo de potes foram produzidos expressamente para utilização nas farmácias. Decoradas a azul, possuem unicamente uma cartela barroca que envolve o listel onde estão as insígnias da ordem religiosa a que pertencem.

